

# A REDESCOBERTA DA ÁFRICA

**Texto-base da Conferência *A Temática Africana em Sala de Aula*, proferida pelo Professor Maurício Waldman, no dia 25 de junho de 2009, entre as 20:00 - 22:00 h, no encerramento do Curso *Introdução aos Estudos de África*, do Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP).**

## **ABERTURA DO EVENTO PELO PROFESSOR CARLOS SERRANO**

Boa noite a todos.

Como atividade do dia de hoje, convidamos o professor Maurício Waldman para palestrar sobre um assunto muito importante: *A Temática Africana em Sala de Aula*. A ideia do evento foi fechar o *Curso de Difusão Cultural do Centro de Estudos Africanos 2009* com uma atividade que não fosse uma aula regular e que tivesse a capacidade de finalizar o curso com uma contribuição essencial. O professor Kabengele Munanga, atual diretor do CEA, entendeu que seria pertinente convidar o professor Maurício para assumir esta responsabilidade.

Vocês já conhecem o Maurício de nome pois foi citado ao longo das aulas do curso. O Maurício foi aluno desta universidade no curso de graduação em ciências sociais, também fazendo na USP seu mestrado em antropologia e seu doutorado em geografia. Ele colabora com o CEA desde 1982, é pesquisador africanista, autor de muitos textos sobre afro-educação e além disso, possui muita experiência em cursos de capacitação. Outra frente de atuação do Maurício é na questão ambiental, tema sobre o qual escreveu muitos livros e artigos.

Eu e o Maurício desempenhamos muitos trabalhos em comum. Escrevemos a quatro mãos a obra *Memória D'África*, da Cortez Editora, que sintetiza trinta anos de atividades conjuntas. Como vocês poderão perceber, ele tem muito a dizer. Sua fala é alegre, descontraída e ao mesmo tempo, bem fundamentada. Esta é uma marca do Maurício.

Agradeço, pois ao Professor Maurício por atender ao convite do CEA. Passo então a palavra a ele.

## **CONFERÊNCIA DO PROFESSOR MAURÍCIO WALDMAN**

Boa noite a todos.

Foi com enorme satisfação que recebi o convite do professor Kabengele Munanga para estar aqui nesta noite com vocês para fechar, com uma conferência, o *Curso de Difusão Cultural do CEA de 2009: Introdução aos Estudos de África*. Sem meias palavras, senti-me prestigiado pelo convite e é com muita honra que estou comparecendo a este evento.

Como é de conhecimento de todos, o CEA é uma instituição pioneira em escala nacional na divulgação de conhecimentos sobre o continente africano. O curso promovido pela entidade tem se posicionado como uma referência para uma coleção de atores sociais, dentre os quais o movimento

negro e o professorado em geral. Portanto, agradeço primeiramente ao professor Kabengele e ao CEA pelo convite. Sou grato também pela gentileza do professor Serrano em me apresentar e fazer as honras da casa. Como ele disse, nos conhecemos desde longa data e realizamos muitas iniciativas em comum.

Na noite de hoje, conforme programado, estarei expondo sobre *A Temática Africana em Sala de Aula*. Esta conferência é, em conformidade com o que o Serrano disse, uma grande responsabilidade. Vocês tiveram aulas ao longo de quatro meses e não sei qual foi o conteúdo exato que vocês usufruíram neste lapso de tempo. Contudo, conhecendo as atividades do CEA, sei da direção do debate e do sentido que perpassou na fala dos professores do curso. Neste sentido, a responsabilidade recai mais em fazer um balanço final, em fazer uma exposição articulada com o que vocês já aprenderam e particularmente, em se tratando de uma atividade de encerramento de um curso, de abrir um entendimento para que todos prossigam na rota da afro-educação, de modo a contribuir a consolidação da cidadania e a construção de um país digno para todos os seus habitantes, em especial para a população afro-descendente.

Antes de iniciar, vou falar um pouco da minha trajetória e da minha produção intelectual. Até porque, esta última confunde-se com um percurso pessoal no campo das ideias. Assim, farei um breve comentário a respeito das publicações que escrevi ou participei como co-autor, em especial das que possuem proximidade com o tema de hoje. Quanto à bibliografia, estarei encaminhando proximamente uma série de indicações de textos informativos, acadêmicos ou para debate em sala de aula. Entendo que são referências adequadas para aqueles que participaram de um curso como o promovido pelo CEA, tanto como fonte bibliográfica quanto subsídio para atuação em sala de aula. No que diz respeito a esta conferência, os que estão aqui presentes receberão em primeira mão o texto-base desta conferência, que posteriormente terá uma divulgação mais ampla.

Iniciando pois os comentários sobre a minha produção, mencionaria primeiramente a coleção que escrevi para Editora Suplegraf: *Geografia para o Ensino Fundamental*. Gosto de comentar sobre esta publicação porque sendo eu professor de geografia, a forma como a África é trabalhada no livro didático sempre me incomodou. Vejamos: quando estudamos os continentes, qual é o primeiro a ser estudado? Todo mundo sabe, é a Europa. E depois, o que vem a seguir? É a América. Quando o professor esgota o capítulo de América, já estamos no meio do ano letivo e faltam outros três continentes para serem estudados. Mas como se sabe, no terceiro bimestre o continente estudado é a Ásia. Bem, quando se chega no quarto bimestre, com o final do ano a vista, geralmente os conteúdos são sacrificados, os programas são sintetizados e se valoriza aquilo que é considerado mais importante, mais essencial, indispensável. Neste contexto, não é que muitas escolas optam por centrar suas atenções na Oceania? Certo é que fica “restando” a África. Como é que fica? Então para se resolver o problema muitas escolas apelam para um “trabalhinho”, um questionário tipo pergunta-resposta para justificar a nota de aproveitamento. E isso só quando o tal do “trabalhinho” é solicitado.

Indo direto ao ponto: ninguém estuda a África! E uma das causas, é justamente a grade curricular tradicional. Porém, sendo eu um autor de livros didáticos, adotei uma postura radical para solucionar esta questão. Na minha coleção de geografia, coloquei a África como primeiro capítulo, como matéria do primeiro bimestre. Nem mais, nem menos. Deste modo, ensinar sobre o continente se tornaria obrigatório. Pensei comigo mesmo: quero ver como agora vai ser! Claro que a proposta causou certo rebuliço. Como seria cabível imaginar, muita gente não entendeu. Não faltou quem estranhasse uma organização dos capítulos de geografia dos continentes tendo a África como o primeiro ponto. Indagavam-me: porque “logo a África” em primeiro lugar? Qual é a razão? Então eu respondia: a África é o berço da humanidade; neste continente foram criadas as primeiras regras sociais, de estética, de organização política e transformação do espaço geográfico; na África se

organizaram as primeiras civilizações, como foi o caso da egípcia. Além do mais, o nosso país - conforme irei detalhar mais adiante - é intensamente africanizado. Pelo mínimo 40% da população do nosso país é afro-descendente. Deste modo, porque começar o ensino da geografia dos continentes com a Europa? Absurdo, pois nós não somos europeus e não moramos na Europa. Seguramente, isto não faz qualquer sentido nem para o povo, nem para o estudante brasileiro e nem para ninguém. Só para quem considera que a Europa é o centro das atenções.

Outro aspecto é que mesmo quando o continente é estudado, quando o professor se dispõe a abrir espaço para o ensino do continente, quais são as informações que são passadas sobre a África? Será que o livro didático ajuda em alguma coisa? Contempla esta preocupação? Neste caso, mencionaria, além do meu material na Editora Didática Suplegraf, a *Coleção do Projeto Tecendo o Saber*, produzida sob os auspícios da Fundação Roberto Marinho e Fundação Vale do Rio Doce, da qual fui um dos oito co-autores. Formada por doze livros e 75 vídeos, nesta coleção, na qual uma das minhas contribuições foi com a parte relacionada com a África Negra, trabalhei várias posturas que julgo serem fundamentais para uma atuação justa, séria e decente relativamente a afro-educação. Em outras palavras, que devemos contestar as visões que circunscrevem a África como um corolário de tragédias, de exotismo cultural, de primitivismo, de sofrimentos sem fim e das chamadas “guerras tribais”<sup>1</sup>, enfoques sempre acompanhados de alguma iconografia trágica.

Tudo isso é em boa parte reforçado por uma mídia que constantemente atualiza as estereotipias imputadas ao continente. E estereotipia, devo recordar, é uma palavra que significa dar materialidade a algo que é imaginário. Isto é, estamos lidando com uma máquina de produção de imagens que foi e é responsável por gerar dor, sofrimento e discriminação, cabendo a todos que atuam em sala de aula refutar e combater. Por exemplo, sempre me recordo que em 1996, durante uma viagem do então presidente Fernando Henrique Cardoso à África, uma importante emissora de televisão informou que o mandatário tinha chegado à Luanda, *na África*. Na África? Como assim na África? Pelo que parece, os responsáveis pelo noticiário ainda não tinham entendido que o continente possui mais de cinquenta Estados independentes e que África, simplesmente não é um país. Nunca escutei um repórter falar de Tóquio, na Ásia ou de Londres, na Europa! Eles falam da capital do Japão e do Reino Unido. Então deveriam falar de Luanda como capital de Angola, aliás uma nação que como a Nigéria e o Benin, possui forte relação com o Brasil e que portanto, não haveria como não ser referendada.

Pior ainda é perceber que esta tendência insidiosa aparece de vários outros modos. Ainda recentemente, no ano passado, um site de notícias apresentou numa manchete a informação de que o *Rally Paris-Dakar* teria sido suspenso por conta da *turbulência na África*. Turbulência na África? Ora o trajeto do citado *Rally* não percorre todo o continente e passa somente por três países africanos: o Senegal, a Mauritânia e o Marrocos, dos quais apenas a Mauritânia apresentava na ocasião distúrbios internos. Ora, porque então falar em *turbulência na África*? Percebam que ninguém fala de jogo suspenso em campeonato de futebol motivado por conflitos na América do Sul. Nesta perspectiva, o que temos é um preconceito fortemente enraizado na sociedade que é catalisado ou reforçado pela rede midiática, sendo nossa missão enquanto professores repudiar a todo o momento esta propensão em desqualificar o continente.

Destaque-se que esta tendência não existe apenas no plano dos meios de comunicação, que reproduzem, conforme sugeri, uma ideologia discriminatória que contagia larga porção do edifício

---

<sup>1</sup> Note-se que a terminologia “tribal”, comumente aplicada para a organização social do continente, terminou transformada em um sério expediente de manipulação. Por exemplo, quando ocorrem conflitos com grupos minoritários na França (caso dos bretões) ou na Espanha (bascos, catalães), a imprensa se refere a *conflitos regionais*, ou ainda, *culturais*; no caso do confronto dos chechenos com o governo russo, os meios de informação falam a respeito de *conflitos étnicos*; Porém, quando o palco dos conflitos é a África, aí sim teríamos os malfadados *conflitos tribais*.

social brasileiro. Ela também se faz presente no plano das ideias, das interpretações que em nome da ciência se colocaram a serviço da submissão da África e dos africanos. Daí que além do ativismo social, é preciso igualmente combater o racismo com produção acadêmica. Foi assim que terminei me envolvendo com a elaboração de obras de capacitação como *Memória D'África* e de *papers* centrados na questão da discriminação racial e do conhecimento africanista. Dentre os textos que escrevi, faço notar os publicados pela revista *GeoUSP*, do departamento de pós-graduação em geografia da Universidade de São Paulo e pela revista *África*, editada pelo CEA. Nesta última revista, publiquei o artigo *Africanidade, Espaço e Tradição*, um trabalho de conclusão escrito em 1993 para o curso do professor Fábio Leite, daqui do CEA. O foco deste *paper* é a oralidade e topologia tradicional africana tendo por base o relato *griot* sobre o imperador Sundjata Keita, do Mali. Para muita satisfação de minha parte, em 2007 este texto foi considerado internacionalmente relevante pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS), o maior e mais influente organismo de pesquisa científica pública do governo francês. Confesso que me senti extremamente gratificado com essa indicação. Trata-se, devo enfatizar, de um dos raros textos acadêmicos nacionais agraciados com esta verdadeira honraria, um *paper* publicado primeiramente pelo CEA.

Valeria também a pena mencionar que trabalho com outras temáticas, dentre as quais as relacionadas com a questão ambiental. Ao contrário de muitos acadêmicos, não me restringi a dar aulas ou produzir textos, pois sou igualmente um veterano da mobilização ecológica no estado de São Paulo. Conforme costume dizer, *ecologia é um modo e não um meio de vida*. Mais ainda: quem fala de ecologia tem por obrigação que praticar esta ideia, e não se resumir a sugerir sucedâneos de atitude e falar sobre coisas que não quer e nem sabe colocar em prática. Assim, se alguém daqui da sala ouvir falar da minha pessoa como ambientalista, não pense tratar-se de algum engano ou de algum homônimo. Sou africanista e sou ecologista, com muitos livros e artigos publicados na área ambiental. Meu mais recente lançamento é *Meio Ambiente & Antropologia*, publicado pela Editora SENAC em 2006. É um material que traz informação e discussão sobre a relação das sociedades com o meio ambiente, inclusive no que tange à África tradicional. Na problemática com o meio ambiente, meu foco central atende para as questões que julgo dizerem respeito aos cidadãos que habitam as metrópoles. Dentre estas, particularmente as temáticas do meio urbano, da educação ambiental, da água potável, do lixo e da matriz energética. De resto, sou freqüentemente entrevistado e inclusive, fui matéria de capa na revista *Ambiente Urbano*, do Instituto Triângulo, com a qual mantenho muita sintonia em termos do entendimento da questão ambiental. Por fim, maiores informações a meu respeito podem ser encontradas no meu site pessoal: *Maurício Waldman - Textos, Cursos e Projetos* – [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br). Em futuro próximo, assim espero, estará no ar a *Rádio MW*, disponibilizando falas periódicas relacionadas com os temas com os quais trabalho.

Isto posto e indo ao que interessa, vou primeiramente polemizar sobre a questão da imagem que é construída sobre a África e sobre as estereotípias que lhes são impostas. Trata-se de um processo que formata uma percepção pejorativa que se transforma em uma verdade tendo por estratégia básica a repetição. Neste sentido, uma polêmica interessante refere-se à própria forma como a cartografia construiu a imagem do continente e os pressupostos culturais que referendam ideologicamente a exclusão dos africanos. Pensando-se, por exemplo, fotografias de satélite como as que foram obtidas pela Pioner X, sonda espacial norte-americana, fica evidente que a África forma uma unidade territorial em seu *strictu sensu*. Trata-se da mais coesa e compacta massa continental do mundo. Sua vastidão é notória. A África equivale a 25% do total de terras emersas do globo, ou seja, uma quarta parte do total. Dito de outra forma: é impossível não perceber que a África existe. Repito: impossível!

Outra nuance que podemos destacar quanto à configuração territorial da África, é o fato de estar cercada por todos os lados por imensas massas oceânicas. É como se o continente fosse uma ilha gigantesca, ligada ao Oriente Médio e ao Velho Mundo apenas pelo Istmo de Suez, cortado desde o

século XIX pelo canal construído por Ferdinand de Lesseps. Por outro lado, isto não significa que a África seja ou tenha sido um continente isolado. Caso assim fosse, o homem, que como sabemos surgiu na África, não teria povoado outros recantos do globo. Historicamente os africanos mantiveram contatos com povos de outros pontos do globo e os intercâmbios culturais foram intensos. Fluxos e refluxos de migrações, geralmente por pequenos grupos e de modo não violento, foram lentamente sedimentando contribuições culturais de todo o tipo, de modo que a influência do continente se alastrou para todos os lados, modelando diversificado rol de fisionomias culturais.

Mas, se a presença da África no mundo se impõe, conforme disse, por si mesma, como será que esta relevância foi consignada no imaginário? Inegavelmente, os nossos olhos ao verem a África nas fotografias de satélite não podem deixar de captar sua grandiosidade. Todavia, será que aquilo que os nossos olhos percebem corresponde à imagem construída sobre esta massa continental? Bem, para responder esta pergunta podemos recorrer à forma como a produção cartográfica europeia construiu a imagem do continente. Neste particular, é possível notar um claro regime de exclusão simbólica do continente, que se consolidou ao longo da história de um modo cada vez mais claro, sendo uma das suas manifestações mais pungentes a desqualificação dos seus povos e suas culturas.

O famoso *Mapa dos Salmos* (ou *Psalter*), datado de 1250, é uma das alegorias cartográficas que ilustram este código topológico de exclusão, evidenciando uma série de estereótipos que até hoje estigmatizam o continente inteiro. Neste mapa, aparece claramente a indicação do Paraíso e de Cristo, redentor da humanidade, posicionados na direção Norte. Nesta parte do mapa, encontramos a Europa à direita de Cristo e a Ásia, à sua esquerda. Por sua vez, acatando uma pretensa genealogia baseada em relatos bíblicos, esta carta geográfica enquadra a África na posição Sul, definida como um “continente negro e monstruoso”, ocupado pelos descendentes de Cam, considerado amaldiçoado pela tradição bíblica<sup>2</sup>.

O ideário religioso que perpassa por esta construção cartográfica articula um código espacial impregnado com traços melhorativos e pejorativos, através dos quais os diferentes povos são dignificados ou rebaixados. Fato evidente, *nesta construção mitológica a África está retratada como um conjunto de terras situadas abaixo do espaço europeu, na subalterna posição sul, portanto, simbolicamente estigmatizada como inferior*. Além da inferioridade, neste esquema o continente incorpora muitos outros estigmas pertinentes a um jogo de oposições binárias radicais, um modelo típico da inculturação ocidental. À noção de inferioridade, o continente também agrega a condição de ser *atrasado* (em oposição a desenvolvido), *tórrido* (em oposição a temperado), *irracional* (em oposição à razão), *natural* (em contraposição a artificial), *externo* (em dissociação ao que seria interno), *selvagem* (em oposição a civilizado), *negro* (em oposição a branco), de *infernal* (em oposição a celestial) e assim por diante.

Contemplado com estigmas de subalternidade, o continente passou a aludir formas de representação preocupadas em confirmar esta visão excludente junto aos mapas. Recordo que a despeito de serem considerados como uma “peça técnica”, os mapas sumamente condensam uma imagem socialmente construída do mundo. Assim, se observarmos atentamente o Mapa Mundi confeccionado na projeção de Mercator<sup>3</sup>, criado no bojo da expansão mercantilista, podemos perceber a re-edição de velhos mitos, tais como os credenciados no *Mapa dos Salmos*. O *Mapa de*

<sup>2</sup> No Antigo Testamento, Cam, um dos filhos de Noé - considerado ancestral bíblico das populações africanas - teria zombado do pai, recaindo sobre ele o estigma da escravidão (Gênesis, 9:23-27). *Por outro lado, ressalve-se que não consta nenhuma indicação bíblica de que Cam fosse negro*. Na Bíblia, os camitas referem-se a um conjunto de povos muito diferentes entre si, incluindo desde populações identificadas com a orla africana do Mar Vermelho e outras populações entendidas como levantinas e/ou mesopotâmicas (Cf Gênesis, 10:6-20).

<sup>3</sup> Gerhard Mercator é a forma latinizada como o geógrafo flamengo Gerhard Kremer (1512-1594), considerado pai da cartografia moderna, tornou-se conhecido.

*Mercator* consagra à Europa a sugestiva posição Norte, *superior dos mapas*, prerrogativa esta reforçada agora pela centralidade. Com efeito, todos os continentes estão representados ao redor do europeu, que majestosamente impera subordinando os demais. Esta disposição “clássica” dos continentes tornou-se uma espécie de senso comum cartográfico. Isto é facilmente comprovado quando folheamos qualquer livro de geografia. Ademais, repetida à exaustão, conquistou foro de verdade inquestionável.

Outro aspecto que denuncia a desqualificação, é o que se refere à imagem que surge a partir das projeções cartográficas. Como sabemos, a transposição da imagem de uma esfera tridimensional (a Terra) para um plano bidimensional (o planisfério ou mapa) necessariamente envolve distorções, atenuadas, exaltadas ou atenuadas em função do tipo de projeção que utilizamos. Mas, uma vez que existem formas alternativas para representar o mundo, faria sentido interrogar sobre a pertinência das representações que nos são oferecidas no nascedouro do nosso desenvolvimento pedagógico. Essa consideração é importante pois com efeito, a primeira imagem que experimentamos a respeito da África é aquela que nos é descortinada pelo Mapa Mundi nos primeiros anos da nossa vida escolar.

Nesta linha de argumentação, podemos, por exemplo, comparar a projeção de Mercator com a de Peters. Ora, comparativamente à África chamaria a atenção de qualquer observador a enormidade do continente europeu no Mapa de Mercator assim como inversamente, o quanto a Europa diminui no Mapa de Peters, ao mesmo tempo em que a África conquista expressão. Outro exemplo é a Groenlândia. Esta ilha, embora possuindo uma área quatorze vezes menor do que o continente africano, aparenta no Mapa de Mercator ser pelo mínimo equivalente à África em extensão. Já no Mapa de Peters as dimensões dessa ilha, mais próximas da realidade, são bem diferentes, isto é, muito inferiores às da África. Apesar de projeções como as de Peters recuperarem imagetivamente uma representação mais próxima do real no referente às dimensões dos continentes, note-se que são abundantes os mapas que inferiorizam a magnitude espacial do continente africano. Assim sendo, nunca seria demasiado investigar o tipo de projeção do mapa que estamos estudando. As diferenças, a começar pela comparação com as imagens de satélite, podem ser gritantes!

Evidentemente, esta máquina de dominação ideológica não se restringiu à percepção do continente, se estendendo também aos seus habitantes. Alavancado pelo comércio de escravos, o racismo tornou-se indissociável de um imaginário de exclusão, patente na totalidade do edifício social, fato que de resto, é atestado por meio de inúmeras peças culturais. Uma das que podemos citar é o quadro *A Redenção de Cam*, do pintor Modesto Brocos, artista espanhol radicado no Brasil. Trata-se de uma imagem emblemática da discriminação, um quadro pintado num momento (1895) no qual o país acelerava o processo de implantação do trabalho assalariado com base na imigração, uma política que de resto, atendia ao desejo das elites em “embranquecer” o país. O quadro mostra em seu centro uma mãe mestiça segurando seu filho branco, com uma avó negra abençoando o rebento, implicitamente simbolizando a libertação da amaldiçoada condição de camita. *Conclusão: a redenção apenas existe quanto os negros se tornam brancos!* Pois bem, demonstrando a incrível força e virulência dos estigmas impostos ao continente e aos seus povos, notem que são mais de sete séculos que separam este quadro do *Mapa do Salmo*. Todavia, os códigos culturais de exclusão são absolutamente os mesmos!

Claro está que num país como o Brasil, todo ele perpassado pela africanidade, o preconceito racial torna-se particularmente grave. Uma vez que as influências africanas estão disseminadas em todos os ângulos da realidade nacional, cria-se uma relação contraditória e esquizofrênica com a nossa identidade enquanto povo, nação e cultura, com a nossa própria forma de ser e de enxergar o mundo. Vamos ver então: a corporalidade do brasileiro é africana; nossa forma de falar revela influência dos povos africanos; no plano da religiosidade, das crenças, do folclore, da dança, da

música e em muitos outros ângulos da nossa cultura, todos nós somos africanos. Daí que costumo dizer aos meus alunos que ninguém precisa ir para a África para conhecer o continente. Basta conhecer melhor o que nós somos e reconhecer o que está à vista de todos. É claro que o nosso sistema de ensino não trabalha neste sentido. Pelo contrário, as crianças aprendem na escola uma história europeia e uma geografia que legitima objeções espaciais que adjetivam negativamente o continente. Certamente, precisamos colocar um ponto final nesta sucessão de absurdos. Para tanto, devemos começar a olhar o nosso país com outros olhos, preferencialmente de modo imediato.

Para começo de conversa, do ponto de vista geológico o Brasil e a África, a 300 milhões de anos atrás, faziam parte de uma mesma massa continental. Por isso, no âmbito da geografia física, encontramos tantas analogias nos dois lados do Atlântico. Paralelamente, ambos compartilham uma extensa relação de dados naturais, que contribuem para irmanar o continente africano e o nosso país. Nesta perspectiva, um dado essencial reporta ao domínio da tropicalidade. O Brasil e a África constituem as duas maiores superfícies terrestres banhadas pelo Sol. O Brasil é o maior país solar do mundo e a África, o maior domínio continental banhado pelos raios do astro-rei. A condição de tropicalidade do continente é de resto manifesta quando se sabe que as linhas dos Trópicos - de Câncer e de Capricórnio - enquadram 80% da África na faixa intertropical. Aliás, o próprio nome "África" denunciaria esta condição solar: sua origem provém de uma palavra berbere - *Afri* - que mais tarde se desdobrou em *África*. Embora de difícil averiguação, o significado do termo, de acordo com vários autores, relaciona-se com a ideia de ausência de frio, de calor.

É a forte presença da tropicalidade que explica a existência de paisagens naturais análogas nos dois lados do Atlântico: savanas na África e cerrados no Brasil; floresta amazônica de um lado, e a floresta congoleza e guineense do outro; também encontramos manguezais nas duas margens do grande oceano; outra similaridade são as formações lagunares, as vegetações de espinhosas e campos limpos; isto sem contar os tipos de solo e características climáticas, que fundamentalmente explicam as identidades e similaridades da natureza brasileira e africana. Exatamente por esta razão encontramos muitas, mas muitas mesmo, variedades de plantas que foram trazidas da África e se tornaram brasileiras de corpo e alma. Seria quase impossível reconhecer o ambiente brasileiro de hoje na ausência de espécies oriundas do continente irmão ou que lá primeiramente se aclimataram antes de chegar ao solo brasileiro.

Fato incontestável, porém raramente lembrado, as plantas trazidas do continente africano ajudaram a modelar o espaço brasileiro de um modo irreversível. Dentre outras espécies trazidas da Mãe África, podemos mencionar: o coqueiro, a banana, a rafia, o karitê, a manga, a cevada, a camomila, o milhete, a melancia, o tamarindo, a bucha, o jiló, a mamona, a espada de são Jorge, o chapéu de praia, o boldo, o inhame, o hibisco, o dendê, a jurema, a liamba, o sorgo, o painço, o guandu, o quiabo, a malagueta, o manjericão, a babosa, o gengibre, o maxixe, a violeta, a figueira, a papoula, etc.

Recordemos que esta relação poderia ser prolongada com dezenas ou mesmo centenas de outros itens. Por exemplo, a implantação da pecuária contou com muitas espécies de capim que foram transplantadas para cá. Quando as pessoas olham para as pastagens do meio rural brasileiro, estão na realidade diante de uma paisagem onde a África está presente. Os nomes de muitas gramíneas comprovam isso: Capim Quênia, Kikuiu, Guiné, Tanzânia, etc. Tomamos café de manhã, desfrutamos do seu sabor. Pois bem, este gosto tem origem na África. Ele é proveniente da Etiópia, da região de Kaffa, que como vocês podem perceber, explica o nome desta planta notável. Quando tomamos cerveja, ninguém recorda que esta bebida já era consumida no Egito antigo, isto é, na África. Aí eu perguntaria: é possível conceber o mundo moderno sem café e sem cerveja?

Outro detalhe interessante é que somos o país que mais consome arroz no mundo fora da Ásia, uma tradição que muitos imaginam ser oriunda dos imigrantes orientais, coreanos, chineses e japoneses. Mas não é nada disso. Quem nos ensinou a gostar de arroz foram os africanos e não os asiáticos. E não só gostar: foi com os africanos que aprendemos a fazer o arroz. Em muitas regiões da África ocidental, o arroz é feito do mesmo modo que no Brasil. Um refogado de alho e cebola ao qual se adiciona o cereal lavado, sal e água. Para completar, as mudas que garantiram a expansão pioneira da rizicultura no Brasil eram provenientes da África e não da Ásia. Trata-se de uma variante africana conhecida ainda hoje em muitos pontos do território nacional como arroz quilombola, um arroz da resistência, um arroz que permaneceu recordando o vínculo ancestral com as terras do outro lado do Atlântico.

Como lembra o historiador Alberto Costa e Silva, a escravidão, cujos nefastos significados tanto marcaram a história dos africanos e dos afro-descendentes, não trouxe apenas força de trabalho para a monocultura. O comércio de escravos trouxe pessoas em carne e osso, com coração, inteligência, com sua própria fé religiosa, com sentimentos. Trouxe sua cultura enfim. O Atlântico tornou-se durante séculos uma estrada líquida através da qual muitas influências do continente passaram a medrar no nosso país. Fato pouco recordado, o Brasil importava sabão da África, principalmente por conta dos bons hábitos de higiene dos escravos. Nos navios, se transportavam fardos de panos da costa, que atendiam um mercado formado pelos africanos e seus descendentes. Chegava igualmente a noz de cola, que em razão do seu efeito estimulante, ajudava a amenizar as dores do chicote e da dureza do trabalho escravo. Além disso, este fruto, que chegava a nós em carregamentos procedentes do Golfo da Guiné, tinha - como ainda tem - um papel privilegiado nas religiões que continuaram, aqui no Brasil, a honrar as divindades religiosas vindas do outro lado do Atlântico. Para quem não sabe, trata-se do *obi*, de proeminente papel nas religiões afro-brasileiras.

Outra informação, registrada pelo antropólogo Câmara Cascudo em sua notável obra *História da Alimentação no Brasil*, é que muitas espécies vegetais e animais foram aqui introduzidos enquanto verdadeiras armas da resistência negra. Aí notamos o papel dos *babá ossaym*<sup>4</sup>, peritos em ervas que em muitos casos encomendavam ingredientes do outro lado do Atlântico para elaborar o que era chamado de “amansa senhor”, venenos que tiravam de cena - para sempre - os senhores de terra e outros que espezinhavam os escravos. Inúmeras destas espécies contrabandeadas se aclimataram e quando as vemos, nem sequer passa pela nossa cabeça que elas viajaram por vigorosos braços de mar antes de alcançarem as nossas praias e se tornarem brasileiras.

Mais uma referência comum que a África compartilha com o Brasil é o fato de constituir um formidável manancial de riquezas naturais. O continente concentra três países mega diversos: Madagascar, a República Democrática do Congo (RDC) e a República Sul Africana (RSA). São africanos cinco conhecidos exemplares de mega fauna: o hipopótamo, a girafa, rinoceronte branco, rinoceronte negro e o elefante. Muitas espécies de cereais e de outras plantas domesticadas pelo homem são originárias de regiões como o planalto da Abissínia, na Etiópia, um dos mais proeminentes viveiros de espécies úteis para a humanidade. O continente é um grande espaço produtor de café, chá, cacau, borracha, vinho, bovinos, ovinos, lã e madeira.

O subsolo da África é espantosamente prodigioso. As jazidas de minérios fazem com que muitos países africanos se destaquem na produção de diversos itens importantes para a indústria mundial. A RSA é a 1ª colocada na produção de ouro, 2ª em manganês, 3ª na de urânio, 6ª na de carvão e 8ª em ferro; a Namíbia, é o 5º produtor mundial de urânio, enquanto que o Níger é a 7ª colocação e o Gabão, a 8ª; a RDC é o maior produtor mundial de diamantes; a Guiné-Conacri, a 3ª maior produção de bauxita. No caso do minério de manganês, o Gabão ocupa a 6ª posição, Gana a 8ª, a RDC a 9ª e Nigéria a 10ª. A África atende atualmente por quase um quarto das necessidades norte-americanas

<sup>4</sup> *Ossaym* no caso é uma clara referência ao orixá das ervas, considerado muito poderoso tanto na África como no Brasil.

de petróleo. Por fim, num mundo que se defronta com a questão do *stress hídrico*, sete países africanos - a saber Angola, Camarões, Chade, Mali, Gabão, Congo e RDC - são potencialmente provedores mundiais de água doce.

Esta pujança justifica que os africanos considerem seu continente como uma verdadeira arca do tesouro, regurgitando de riquezas, cobiçadas pelos europeus já nos primórdios das chamadas “grandes descobertas”. Imbuídos do desejo de tomar posse destes recursos, fez-se necessário construir uma argumentação que legitimasse um regime de dominação. Neste sentido, para explorar o trabalho das populações locais e se apossar dos bens naturais do continente, os europeus procuraram a todo custo provar uma pretensa incapacidade dos povos africanos em criar cultura e tirar proveito destas riquezas. Era necessário demonstrar que a civilização estava ausente da África e que o homem branco deveria, para o próprio bem das populações locais, dominar o continente. A mitologia cultivada pelos círculos preocupados em saquear a África não tardou em contaminar a cultura europeia como um todo. Tornou-se um dado amplamente assimilado pelos mais diversos grupos sociais, posteriormente repassado para os contextos nos quais a civilização ocidental esteve presente.

Deste modo, ainda hoje podemos identificar estigmas seculares num variado universo de peças culturais. Basta prestarmos atenção ao que acontece a nossa volta. Exemplificando, poucos anos atrás foi divulgada uma propaganda da *Hellmans* acompanhada de uma imagem estereotipada de um africano, no caso acompanhada de um bordão afirmando que “até os canibais” iriam comer a maionese desta empresa. Ora, trata-se do velho mito dos africanos comedores de gente, uma fábula perversa que remonta a muitos séculos atrás e que mesmo em pleno século XXI, ainda encontra quem consiga acreditar nela. Aliás, quem não conhece a imagem de africanos rodeando um caldeirão fervente cozinhando algum infeliz explorador europeu, profusamente encontrada em inúmeros desenhos animados? Quem desconhece a imagem da africana com uma tibia no cabelo a guisa de enfeite? Quem é que nunca assistiu filmes de terror tendo a África por cenário? Ou deixou de ler história em quadrinhos estigmatizando as religiões tradicionais do continente? Quem não conhece personagens como o Tarzan, o Fantasma e o Mandrake, todos claramente constituindo formas pouco sublimadas que expressam o mito colonialista da inferioridade do homem negro?

Esta indústria cultural racista não deixou, é óbvio, de dedicar-se de modo apaixonado em negar qualquer traço de civilização relacionado com a África e seus povos por meio de uma literatura considerada “científica”. Pode-se resumir esta determinação pelo paradigma de que nada é devido aos africanos. Eles nada criaram, nada construíram e nada descobriram. A África enfim, não serve para nada. Existe uma intensa propaganda que celebra o conjunto megalítico do *Stonehenge*, na Inglaterra. Todos os anos, milhões de turistas visitam este notável alinhamento de grandes rochas talhadas pelo homem pré-histórico. Mas quantos aqui nesta sala sabem que na África existe uma disposição megalítica que é, pelo mínimo, mil anos mais antiga? Quantos aqui ouviram falar do conjunto de *Nabta Playa*, localizado em pleno centro da Núbia? Quem ouviu falar dele? Uma vez mais, a lacuna de informação revela muito do intuito da máquina midiática existente!

Por outro lado, mesmo quando diante de contribuições indiscutivelmente enraizadas no continente, note-se que estas foram analisadas por “especialistas” como estranhas ao contexto africano. Teriam sido importadas ou imitadas de outros povos, todos os quais, é evidente, seriam extra-africanos. Assim, os grandiosos impérios sudaneses do Ghana, do Mali e do Songhai apenas teriam surgido em razão do contato com os comerciantes árabes muçulmanos; o glorioso reino de Kuch, não teria origem autóctone, mas sim, seria decorrente da chegada de chefes brancos líbios, sendo sua decadência, explicada pela miscigenação com “elementos negróides”; os famosos bronzes do Benin, de acordo com críticos de arte britânicos, seriam obras de encomenda de reis negros, entretanto,

executadas por artífices estrangeiros - árabes e persas - em vista de, é claro, ser impossível aos negros africanos a elaboração de refinadas peças de arte, algo considerado fora de cogitação.

E o que dizer então da civilização egípcia? o Egito faraônico, não teria nada, absolutamente nada a ver com a África! Isto a despeito da própria geografia explicar o povoamento e o surgimento desta civilização a partir das levas de populações que fluíam pelo Nilo do interior do continente na direção do Mediterrâneo. Isto sem contar que os traços de muitos egípcios denunciarem ainda hoje contatos de longa data com populações do interior do continente. Todavia, a ciência europeia teimosamente explicou que o Egito seria uma civilização branca, e dependendo do pesquisador, até mesmo ariana. A produção tradicional de *Hollywood* se incumbiu da tarefa de nos apresentar faraós bancos, loiros e de olhos azuis. A gente começa até a pensar que o Egito antigo era povoado por suecos e alemães! Quanto ao povoamento do Egito, em desafio completo às pré-condições geográficas, este teria ocorrido, imaginem só, da foz na direção da nascente do Nilo. *Isto é, no sentido contrário ao seu fluxo*, um caso único em todas as grandes civilizações erguidas em vales fluviais... Seria o caso de indagar: como foi possível a ciência europeia chegar a este ponto?

É de se notar que a apaixonada determinação em escavar objeções cujo pano de fundo é o racismo e uma visão preconceituosa da África e dos africanos, não encontra paralelo para nenhuma outra situação. Por exemplo, nenhum estudioso põe em dúvida que o profundo conhecimento matemático dos babilônios e dos maias foi eminentemente endógeno, ou seja, fruto de um dinamismo histórico-social próprio. Ninguém põe em questão a origem dos avanços técnicos dos chineses ou do mundo muçulmano. Mas no caso do Grande Zimbábue os colonialistas da extinta Rodésia, ao depararem com as formidáveis ruínas desta civilização, não se sentiram nem um pouco constrangidos em argumentar como tais construções teriam sido erguidas. Acintosamente, eles apelaram para a Bíblia: a grande metrópole teria sido obra dos fenícios, encaminhados para o interior da África a mando do Rei Salomão em pessoa. Mais grave ainda, em seu afã em demonstrar que as ruínas do Grande Zimbábue tiveram origem estrangeira, os “arqueólogos” rodesianos se incumbiram de “limpar” as ruínas do que foi categorizado como “lixo dos negros”. Isto é, premeditadamente eliminando sinais que justamente comprovavam que esta civilização se desenvolveu a partir de populações locais *bantu*.

Todavia, ninguém pode se deixar enganar sobre o intuito real destas explicações aberrantes. Apesar de tudo o que se fala do continente ele desperta enorme interesse. As potencialidades da África foram e continuam a ser importantes para o mundo todo. Ou será que o presidente Bush visitou a Libéria a troco de nada? E as intervenções estrangeiras realizadas na África, estariam elas movidas por interesses humanitários, desvinculadas de ambições materiais? E se a África não tem nenhum valor, como explicar que os colonialistas tiveram que ser expulsos de muitos países do continente apenas depois de prolongados processos de guerras de libertação? O fato é que o preconceito racial mascara uma enorme cobiça pela capacidade produtiva e pelo potencial que o continente suscita. Desqualificar caminha de mãos juntas com dominar e tomar posse. Não esqueçamos o sábio ditado pelo qual ninguém chuta cachorro morto. Isto simplesmente não existe.

Creio que é neste ponto que podemos pensar uma ampliação e um aprofundamento da nossa relação enquanto brasileiros com a África. Como deve ter ficado evidente ao longo do curso que vocês acompanharam, a política de ação afirmativa, o decreto nº 10.639 que torna obrigatório o conteúdo da afro-educação e a abertura do país para o continente, são interfaces complementares entre si. Elas são interdependentes entre si: uma não existe sem a outra. Outro dado é que o Brasil e a África vivem problemáticas comuns, que podem ser vencidas conjuntamente. Gosto sempre de lembrar que o jornal *O Estado de S.Paulo*, numa matéria publicada no ano passado, mostrou, para espanto de muitos leitores, o quanto a realidade urbana brasileira não se diferencia, concretamente, daquela que caracteriza o continente irmão. A reportagem que estou citando não deixava por menos.

Ela registrava que o Brasil não propriamente se igualava, *mas ultrapassava* muitos países da África em quesitos como a desigualdade social, no geral interpretada pelo senso comum como típica do continente africano<sup>5</sup>. Ou seja, mais do que supõe a vã consciência das nossas elites e da nossa classe média, o Brasil é mais semelhante com a África do que comumente se imagina.

Para melhor ilustrar, vou comentar uma experiência que eu tive. Um dia durante uma aula, pedi para meus alunos começarem a enumerar palavras que consideravam pertinentes sobre o continente. Citaram a fome, guerras, doenças, miséria, corrupção. Um dos alunos até mesmo citou que na África existiam “cidades inviáveis”. Aí eu disse: fome, violência, desigualdade e corrupção dos políticos - *na África? Cidades inviáveis - na África?* Puxa vida, vocês não conhecem uma outra realidade onde este tipo de problemas também ocorre? É necessário dizer o nome do país em questão? Vocês não o conhecem? Afinal, onde é que vocês moram?

Acredito, pois que precisamos mudar nosso mapa mental, entender que a África é nossa parceira e que a questão da afro-educação interessa a todos os brasileiros, sejam eles afro-descendentes ou não. Tenho sido insistente em colocar que não construiremos uma cidadania real no Brasil deixando de lado o quanto nossa identidade nacional se associa à África. E o quanto esta expectativa se articula com a busca da verdade, uma verdadeira *redescoberta da África*, pondo em cheque os mitos e as inverdades tecidas contra o continente, seus povos e suas culturas.

Por isso mesmo, neste momento final da minha conferência, gostaria de recordar um excelente conto dos lorubá, etnia que habita a Nigéria e o Benin, sobre a criação do mundo. Numa linguagem metafórica, ele esclarece muito dos desafios que devemos enfrentar neste caminho. Senão vejamos:

*Olofi, o Senhor que tudo criou - o bem e o mal, o bonito e o feio, o claro e o escuro, o grande e o pequeno, o cheio e o vazio, o alto e o baixo - criou também a Verdade e a Mentira.*

*No entanto fez a Verdade forte, marcante, bela, luminosa; e fez a Mentira fraca, feia, opaca. Ao ver assim a Mentira, deu a ela uma foice com a qual pudessem se defender.*

*A Mentira sentiu inveja da Verdade e queria eliminá-la. Certa ocasião a Mentira se defrontou com a Verdade e a desacatou. Brigaram. Empunhando sua foice, a Mentira, com um golpe, degolou a Verdade.*

*Esta, vendo-se sem cabeça, começou a procurá-la tateando por volta. Apalpa um crânio que supõe ser seu. Com esforço agarra-o e o arrancando de onde estava, coloca-o sobre seu pescoço. Mas aquela era a cabeça da Mentira.*

**DESDE ENTÃO, A VERDADE ANDA POR AÍ ENGANANDO TODA A GENTE.**

Pelo que é possível perceber, existe muito trabalho pela frente, pois tudo foi invertido, virado de cabeça para baixo. Então, começemos imediatamente a esclarecer as pessoas. Partamos também para afirmar nossos vínculos com a África e portanto, com nós mesmos, brasileiros de todos os rincões e de todas as origens.

---

<sup>5</sup> “Relatório sobre o Estado das Cidades Mundiais 2008/09, divulgado ontem pela ONU, mostra que a desigualdade nas maiores cidades da América Latina está no mesmo nível de um conjunto de 26 cidades africanas. O grupo de 19 cidades da América Latina e do Caribe apresentou coeficiente Gini de 0,55, ante 0,54 para as 26 cidades africanas selecionadas pela ONU. São Paulo está no mesmo nível de Bogotá (0,61), na Colômbia, mas o índice na capital foi superior, por exemplo, ao de Nairóbi (0,59), no Quênia” (OESP, 23/10/2008, Metrópole, P. C12).

Conforme vocês aprenderam no curso, não é possível dissociar africanidade de brasilidade. Creio que é isso. Sigamos esta orientação com determinação e vontade.

Muito obrigado pela atenção e até a próxima!

(Aplausos)

**AUTORIZADA A CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTE  
TEXTO DESDE QUE INDICADA MENÇÃO BIBLIOGRÁFICA:**

WALDMAN, Maurício. *A Redescoberta da África*, Texto-base da Conferência *A Temática Africana em Sala de Aula*, proferida no encerramento do *Curso Introdução aos Estudos de África*. São Paulo: Centro de Estudos Africanos da USP (CEA-USP), 25-06-2009.

**PALESTRAS E CURSOS SOBRE AFRO-EDUCAÇÃO, ÁFRICA NEGRA E  
QUESTÃO RACIAL DESENVOLVIDOS POR MAURÍCIO WALDMAN**

Contato: [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br)

Saiba Mais: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?c=o&p=cursos\\_e\\_palestras](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?c=o&p=cursos_e_palestras)

**TEXTOS DO MESMO AUTOR RELACIONADOS COM O TEMA:**

Africanidade, Espaço E Tradição, Revista *África* (CEA), 1993, Resenha e *Download*:  
[http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop\\_africanidade\\_espaco\\_e\\_tradicao&c=a](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_africanidade_espaco_e_tradicao&c=a)

Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula, Ed. Cortez, 2007.  
Saiba Mais: [http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop\\_memoria\\_d\\_africa&c=a](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_memoria_d_africa&c=a)

Meio Ambiente & Antropologia, Editora Senac, 2006. Saiba Mais:  
[http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop\\_meio\\_ambiente\\_e\\_antropologia&c=a](http://www.mw.pro.br/mw/mw.php?p=antrop_meio_ambiente_e_antropologia&c=a)

**MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS**

Home-Page Pessoal: [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br)

Biografia Wikipedia English: [http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_Waldman](http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman)

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>